

## O Prazer

Ramiro sempre detestou ler. Nesse particular, partilhado com a maioria dos jovens do seu tempo, nem era especialmente original. Original foi o seu interesse pela Etologia, ciência que estuda o comportamento dos “animais”, embora nós sejamos animais, mas não sejamos estudados por esse ramo do conhecimento científico que teve em Konrad Lorenz um conhecido representante, ou terá sido mesmo o seu fundador?

Achando que o comportamento animal e o humano se compara e é semelhante, Ramiro detestava a Psicologia, a Antropologia, a História, a Filosofia ou o Direito, para ele “falsos conhecimentos”. Um dia de verão, sem nada para fazer, leu um texto num jornal, de um tal Luís Fernando Veríssimo, chamado “A pegada do Diabo”. Ficou impressionado! O homem, em duas penas, parecia desmentir as suas crenças mais fundas, pois, com uma impressionante lucidez, analisa o livro “Robinson Crusoe” de Daniel Defoe, concluindo algo verdadeiramente original: um náufrago, só, numa ilha, sendo inglês, precisa não de uma mulher, mas de um criado, o famoso Sexta-Feira que terá inspirado Rousseau! Curioso, dizia Veríssimo, os ingleses são capazes de criar um sistema colonial numa ilha com dois habitantes! O mais estranho é que ninguém se tenha apercebido desta faceta do famoso livro! Embora abalado por ter encontrado “conhecimento” na literatura, logo daí continuou Ramiro as suas próprias análises do Mundo. Tudo se explica porque somos naturalmente maus, e devemos sê-lo, porque somos assim, e por isso mesmo nem Rousseau nem Marx, nem nenhum escritor utópico jamais teve razão, quando pensou no ponto de vista contrário, o de que nascemos “naturalmente bons”. Não há “Liberté, Egalité, Fraternité”, para ninguém, matutou Ramiro, enquanto deixava tocar o

telefone com uma chamada da namorada, sem o atender... É preciso fazê-la sofrer, pensou; no fundo faz-lhe bem, porque as mulheres têm uma natureza masoquista... Aliás elas estão programadas para a gravidez, para as dores do parto, para sangrar na menstruação, revelam-se inferiores ao macho, não se deve afirmar isto em público, ruminou, mas deve-se ter isto como realidade. Investigadores suíços publicaram na Science os resultados de um trabalho que sugere que infligir uma penalização activa uma região cerebral, o estriato dorsal, que é central no sentimento de prazer e satisfação. A vingança ou o medo da vingança é um factor importante nas relações de cooperação, dizia o estudo. Ramiro passou a tratar ainda pior a namorada, teve cada vez mais prazer em reprovar alunos, considerava que tudo se resume à punição: o próprio acto sexual, dizia agora, deve ser uma punição infligida à mulher! Aspectos da Biologia, considerava Ramiro - e ninguém foge ao seu destino! Entretanto, a namorada de Ramiro, sem ele o saber, deslocou-se perigosamente (entenderia ele) para o mundo da fantasia. Aliás Ramiro achava que as mulheres são submetidas pelo acto sexual, pois sendo penetradas ficam marcadas pelo macho – o dominante. Ramiro achava curioso que as tendências actuais da Biologia dessem razão aos muçulmanos, estes sim, pelos vistos, há muito capazes de entender o verdadeiro lugar da mulher. Alexandra, a sua namorada, era inteligente, considerou Ramiro; mas era mulher, por isso ele conseguiria controlá-la para sempre, porque o segredo do controle dos outros não estava no “knowledge is power” mas naquilo que somos em termos genéticos. Ora, Alexandra, sendo inteligente, era mulher... Alexandra que entretanto se deslocara para o domínio da fantasia, sem ele o saber. Fizera uma viagem a Díli, pois tinha dessas coisas absurdas de mulher, e dissera-lhe que viajara para a Suíça. Ramiro não desconfiou do facto de ela não lhe telefonar da

Suíça pois notara que ela já se estava a habituar a que ele não atendesse o telefone, quando era ela. Timor-Leste ou Lorosae, para Alexandra, foi um deslumbramento! Havia mosquitos e malária, mas havia uma água do mar tão quente, uma paisagem verde, havia Darwin, na Austrália, a uma hora de avião... Alexandra encontrou um colega japonês em Darwin e seguiu com ele para Díli. O fulano não era bonito, para os seus padrões, mas nunca ligara muito a isso, embora Ramiro não o soubesse. Era uma pessoa vulgar, mas tinha aspectos curiosos. O mais importante é que era educado, respeitava Alexandra, não lhe fazia perguntas. Claro que amar esse japonês, chamado Soichiro Yamaha, estava fora de questão. Mas o tempo que passou com ele, as conversas que teve sobre a vida, o universo, Deus, fizeram-lhe bem. As mulheres são assim, também. Voltou para casa e deixou Ramiro, que nunca entendeu que o amor não é apenas sexo, a atracção não se garante pela penetração, os outros não existem para ser dominados, pode não haver “Liberté, Egalité, Fraternité”, mas há quem fuja ao destino que outros lhe querem traçar.